

# As múltiplas significações de gênero: reflexões a partir da violência e da exacerbação de masculinidade de um grupo de *Skinheads* paulista

Lídia M. V. Possas\*  
Carlos Eduardo França\*\*

**Resumo:** O brutal linchamento de Edson Neris da Silva considerado como homossexual por um grupo de *skinheads*, os “carecas do ABC”, traça a tônica deste artigo, que pretende refundir os significados das categorias de homem e mulher, superar fundamentos normativos que denunciam as permanências das relações de gênero e de poder cotidianas que permeiam a cultura brasileira. A abertura de novos espaços para discutir a idéia de multiplicidade de gêneros e diversas disputas políticas são imprescindíveis para superar as imobilizações e inserir novos sujeitos que rompa com as fixações deterministas a que estão subordinados.

**Abstract:** The brutal Edson Neris da Silva’s batter, considered as a homosexual by a group of skinheads, the “bald men from ABC”, plots the keynote of this article, which intends to recast the meanings of women and men categories, overcoming normative reasons that denounce the permanence of the daily gender and power relations that are visible in brazilian culture. The beginning of new spaces to discuss the idea of gender multiplicity and many other political hassles are essential to overcome the immobilization and add new individuals that can break the deterministic fixations that they are subordinate.

**Palavras-Chave:** *Skinheads* - Homofobia - Pluralidade de Gênero.

**Key words:** Skinheads. Gender Plurality. Homophobia.

O artigo tem como finalidade compreender e desconstruir noções de gênero que determinam a construção de sujeitos tipificados como homens e mulheres, a partir de circunstâncias violentas que geram conflitos e questionam o estereótipo de masculinidade, principalmente através do estudo das experiências de “garotas”<sup>1</sup> em um dos grupos de *skinheads* paulistas, observando como são construídos os papéis em um espaço de exacerbação masculina, e de que maneira e com que discursos sustentam a sua existência como membros e participantes dessa agremiação.

informações sobre os *punks* e, em menor medida, dos *skinheads* britânicos, tiveram efeito a partir de 1977 através de discos, revistas especializadas, jornais, entre outros meios de circulação de informações. Os vários setores ligados à imprensa investiram na apropriação de informações e disseminação de imagens homogêneas imbuídas de pré conceitos sobre esses grupos sociais em caráter internacional.

Para tanto, traçaremos um breve panorama do surgimento dos grupos *skinheads*, observando-os enquanto uma identidade coletiva inserida em uma dimensão mais generalizante, para captar as especificidades de um determinado “sub-grupo” na cidade de São Paulo, no caso os “carecas do ABC”.

Nos primeiros anos de 1980, o cenário urbano conflituoso da Grande São Paulo permeado por rixas entre os *punks da city* e os *punks* dos subúrbios, associado à união destes últimos com alguns “carecas” dos territórios da Zona Leste e ABC paulista, abriu espaço ao surgimento de novos atores sociais constituídos por jovens provenientes dos segmentos de trabalhadores. Esses, ao aproveitarem o período de contradições, divergências de posturas e tensões ocorridas no interior dos grupos *punks*, articularam a formação de um grupo singular apresentado com o

No Brasil, as influências das primeiras

\*Prof.ª Doutora e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Cultura e Gênero na UNESP//Marília; Autora de *Mulheres, Trens e Trilhos*. Modernidade no sertão Paulista., Bauru. EDUSC. 2001

\*\* Prof.º Ms. do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba); autor da Dissertação *O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos skinheads 'carecas do Brasil' na sociedade paulista contemporânea*, Marília, Unesp/2008, Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sob orientação da Prof.ª Dr.ª Lídia Possas; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/ Campus de Marília.

<sup>1</sup>Na documentação consultada, os fanzines, folhetins escritos pelos *skinheads* para manifestar suas formas de ver o mundo, principalmente as das lideranças, as mulheres recebem a denominação de “garotas” *skinheads*.

nome de “carecas do subúrbio”, e reunido em torno de uma forma identitária própria composta por certa agressividade corporal e incorporação de novas idéias.

As conjunturas históricas de crise econômica e social mundial abriram espaço para a formação de várias gangues ou “tribos urbanas”, como ressalta Michel Maffessoli (1989) em seu livro “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, como os grupos de *skinheads* ingleses que ganharam maior visibilidade no cenário internacional nos primeiros anos da década de 1980, após terem se envolvido em uma série de manifestações violentas que chamaram a atenção dos setores ligados à imprensa britânica e internacional.

Esses conflitos urbanos ocorridos na Inglaterra ganharam maiores destaque em julho de 1981, momento no qual foram produzidas manchetes com a acusação dos *skinheads* ingleses serem os responsáveis pelo cenário de caos e confrontos urbanos do momento, pelo fato de serem entendidos pela imprensa como racistas, intolerantes, xenófobos, que constituíam elementos violentos organizados como “verdadeiras tropas de choque”<sup>2</sup> articuladas e facilmente manipuladas pelos partidos de extrema-direita, que lançam propostas de se oporem politicamente à entrada de minorias étnicas e estrangeiros no país.

No momento em que os confrontos envolvendo os grupos de *skinheads* britânicos contra estrangeiros eram focalizados pela imprensa, no Brasil, por volta de 1981 e 1982, a problemática residia no conflito interno dos grupos *punks*. Com a difusão do estilo *new wave* no país e a distensão dos *punks*, houve o fortalecimento do primeiro grupo de *skinheads* “carecas do subúrbio” enquanto ala radical do *punk* que surgiu nos subúrbios de São Paulo.

Os “carecas do subúrbio” se apresentavam como reação e oposição diante da eclosão do *new wave*,<sup>3</sup> e reafirmava os valores e idéias agressivas que retomavam as práticas dos *punks* da década de 70 que se apresentavam de forma violenta na sociedade por

acreditarem que essas ações faziam sentido na realidade complexa e conflituosa na qual estavam inseridos.

A violência das gangues e dos moradores suburbanos como relacionada e entendida pelo fato desses sujeitos estarem inseridos em um meio social marcado por dificuldades econômicas e problemas cotidianos de convivência, lança luz à apreensão dos argumentos que sustentam os comportamentos violentos dos “carecas do subúrbio”. Esses *skinheads* tentam justificar que adotam posturas agressivas e se afirmam socialmente através da violência por serem “duros como a realidade”, e por residirem em um ambiente social conflituoso no qual estão presentes problemas como roubos, drogas, tráficos, brigas de rua e onde predomina no imaginário das pessoas a idéia da “lei do mais forte”.

Os sinais diacríticos que diferenciavam os “carecas do subúrbio” dos outros grupos sociais se aglutinam em torno das posturas de agressividade e violência, simbólica e real, as idéias pouco estruturadas de nacionalismo, os tipos de vestimenta com calça, camiseta e suspensórios que lembravam à imagem dos típicos operários, o “corte careca”, a afirmação da origem de classe e das características operárias expressas em seu meio social, Zona Leste e ABC paulista<sup>4</sup>, que possui elementos que reforçam a representação operária desses grupos, apesar de não serem ligados realmente à classe operária<sup>5</sup>, expressam valores típicos dos trabalhadores de um modo geral, como a busca de dignidade através do trabalho, o respeito e reconhecimento social buscado por terem que trabalhar para sobreviver, ênfase nas condições de virilidade, defesa dos explorados e desempregados, crítica as políticas econômicas postas em prática pelo Estado e a auto-afirmação diante da sociedade por meio do uso da violência.

A tônica dos discursos dos *skinheads* “carecas do subúrbio” leva-nos à pensa-los como um grupo de jovens que adotam ao mesmo tempo posturas sérias inerentes ao modo de vida e valores do mundo dos adultos como a preocupação com o trabalho, ênfase na

<sup>2</sup>VIZENTINI, Paulo Fagundes. “O ressurgimento da extrema direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional” In: *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000.

<sup>3</sup>O new wave pode ser entendido como a possibilidade da assimilação do punk pela moda, pela mídia, pela sociedade de consumo que o levaria a sua morte, a exemplo da vertente bastante expressiva que surgiu no cenário punk brasileiro do início dos anos 80 e que gerou vários conflitos entre os grupos punks. CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

<sup>4</sup>MARTINS, José de Souza Martins. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: HICITEC, 1992.

<sup>5</sup>Nas Qualificações presente no Processo Crime n.º 052.00.000.431-8 os *skinheads* identificados possuem vínculos empregatícios de segurança, office-boy, ajudante de despachante aduaneiro, inspetor, vendedor, que são profissões ligadas ao setor terciário, vinculados à prestação de serviços e não a classe operária em si.

disciplina e responsabilidade no desempenho das funções nas esferas da vida, defesa de papéis machistas que reforçam condições de virilidade difundidas dentre amplo segmento da sociedade, preocupação quanto aos problemas nacionais, sustentação de posições contrárias às drogas.

Por outro lado, os “carecas do subúrbio” podem ser vistos como sujeitos com posturas típicas da juventude e que, muitas vezes, se aproxima do estado de delinqüência ao deflagrar ações violentas contra minorias que não se enquadram em seus padrões de personalidade aceitos, a exemplo da comunidade gay brasileira; ou contra grupos que defendem práticas e pensamentos diferentes como os *punks*, os hippies; organização social na forma de gangues; utilização, como ocorreu no início do movimento, de símbolos malvistas socialmente como a suástica nazista; permitindo-nos observar as manifestações deste grupo como variando entre os valores do mundo adulto e os inerentes a condição juvenil dos seus membros.

Após seu surgimento, os *skinheads* brasileiros se dividiram em diversos grupos identitários distintos e, ao contrário das representações sociais que muitas pessoas possuem em seu imaginário, há a presença feminina na composição grupal desses jovens, a exemplo das garotas “carecas do ABC”. Um dos elementos fundamentais que compõem a identidade dos grupos de *skinheads* é a exacerbação da masculinidade presente tanto nas ações dos homens que integram esses grupos, quanto nas gestualidades e comportamentos das moças, como observado no episódio que constitui o ponto de partida da presente reflexão enfatizando as relações de gênero pensadas a partir das ações de violência dos *skinheads*<sup>6</sup>.

No dia 07 de fevereiro de 2000, o jornal “Folha de São Paulo” publicou o seguinte episódio de ódio ocorrido na Praça da República, região central da cidade de São Paulo:

[...] O adestrador de cães Edson Neris da Silva, 35, morreu na madrugada de ontem depois de ter sido espancado por uma gangue de *skinheads* na Praça da República (região central de São Paulo). Segundo o depoimento de Dario Pereira Netto, 34, que passava com

Silva pelo local, por volta da meia - noite, um grupo de 30 jovens carecas e vestidos com roupas pretas se aproximou deles. Pressentindo que seriam abordados, os dois amigos saíram correndo. Netto conseguiu escapar, mas Silva foi alcançado. A filosofia *skinhead* prega o repúdio, entre outros, aos homossexuais. Segundo o delegado Antônio Carlos Cândido de Araújo, do 3º DP (Santa Efigênia), a perseguição teria ocorrido pelo fato de os dois terem sido considerados homossexuais pelos *skinheads*. (SILVA, A. S., Folha on line 07/02/2000; p.4-7).

O assassinato de Edson Neris por um grupo de “carecas”, em nossa opinião, qualifica-se como um acontecimento de ordem brutal, caracterizando-se por linchamento com requintes extremos de brutalidade, pressupondo agressões contínuas até levar à morte de uma pessoa pela ação de várias outras, seus algozes, que exteriorizam seus preconceitos sociais e de gênero na forma de violência física. E por caracterizar-se como linchamento, cria-se a dificuldade de singularizar a culpabilidade pelo homicídio de apenas uma pessoa envolvida no espancamento, o que acaba por dinamizar as inquietações e problematizações levantadas nesta pesquisa sobre os *skinheads* brasileiros.

Os “carecas do Brasil” tem o costume de reforçar em sua corporalidade e expressões simbólicas um perfil masculinizado, traduzido na sustentação de condições de virilidade, culto ao corpo e exercícios de musculação e estilização corporal que evidenciam a conotação de agressividade ao visual grupal e os auxilia a exercer seu poder com violência contra minorias sociais, àquelas que desviam desses padrões e princípios identitários conservados pelos *skinheads* em questão. Apesar da defesa de um perfil corporal masculino e a preservação de condições de virilidade, há a aceitação de mulheres no interior dos grupos dos “carecas” com a condição de que essas se disponham a adotar os signos e determinados comportamentos que conferem identidade própria e singular ao grupo, como orientado pelas lideranças.

As garotas dispostas a ingressarem nos grupos de “carecas do Brasil” devem estar em sintonia com as idéias fundamentadas em posturas nacionalistas,

<sup>6</sup>A participação de uma garota *skinhead* “careca do ABC”, a E. A. P. B., 28 anos de idade, profissão de Segurança, possibilita-nos fazer uso da categoria gênero como chave interpretativa para compreender os padrões de masculino e feminino dos *skinheads*, bem como as características corporais que as garotas sustentam e que, de certa forma, reproduzem a masculinidade exacerbada dos *skinheads*, Processo Crime 052.00.000.431 – 8, p. 274.

comportamentos baseados na ostentação de uma certa agressividade simbólica diante do culto ao físico e aos exercícios de ginástica, além de aceitação de símbolos grupais como tatuagens em forma de teias de aranha, arames farpados, bandeiras do Brasil acompanhadas com mastros em forma de machadinha que constituem um conjunto de imagens, signos e símbolos muito freqüentes entre os integrantes desses grupos, dando significado às suas formas identitárias de pertencimento no social. Panfletos, jornais e principalmente os *fanzines* informam e sustentam as condições e exigências para os membros dos grupo, sejam eles homens e mulheres<sup>7</sup>.

As recomendações para as moças presentes nos *fanzines* são mais notáveis através das representações e nas imagens disponibilizadas pelos *skinheads* produtores desses informativos, em que são apresentadas, ao lado dos homens, como moças companheiras com vestimentas e corporalidades agressivas, corte de cabelo careca, símbolos que as integram aos grupos de “carecas do Brasil”, sempre reforçando os estilos corporais e gestuais com conotações de violência simbólica, aproximando-se dos padrões corporais sustentados pelos homens.

As garotas ao fazerem parte dos “carecas” devem adotar o corte de cabelos curtos ou raspados e, também, trajar os tipos de vestimenta semelhantes às utilizadas pelos demais membros do grupo. Essa vestimenta caracteriza-se pelo uso de coturnos, saias acima do joelho ou calças jeans, suspensórios acompanhados por camisetas curtas e jaquetas, transmitindo uma imagem com traços de masculinidade quanto às suas representações nos *fanzines*<sup>8</sup>, que também se manifestam nos papéis sociais ocupados por elas no trabalho, que são, por exemplo, de segurança retratando uma função considerada masculina<sup>9</sup>.

Em um estudo feito por Sérgio Vinícius de Lima Grande (2001)<sup>10</sup>, aponta para um número ainda reduzido de garotas que ingressam no universo dos “carecas do Brasil”. No entanto, essas garotas acabam por assumir a estética e o visual: cabelos curtos, coturnos como simbologias que as caracterizam como integrantes identificadas dos valores da comunidade

de sentidos presente nesses *skinheads*. Algumas delas se dispõem a praticar artes marciais e a se envolver em casos de violência cotidiana contra outros grupos sociais com formas identitárias que contradizem as dos “carecas do Brasil”, e nos demonstram que assumir o estilo de vida “careca” é não apenas se integrar ao grupo, mas assumir comportamentos, signos e símbolos que dão significado identitário aos integrantes bem como a forma de sociabilidade, reforçado pelo corte careca, um elemento fundamental.

A partir do momento que se tornam membros, sejam eles homens ou mulheres, ingressam nos grupos de “carecas do Brasil” e passam a adotar as formas de pertencimento exigidas que estabelecem as teias de significados que amarram as identidades desses grupos, assumindo o corte careca, os valores e as convicções; as suas características vinculadas aos padrões estéticos de etnias diferentes são deixados de lado, e a construção de outra identidade do eu singular no interior do grupo vai sendo construída, sendo o corte careca, o estilo de vida e a sustentação de uma corporalidade agressiva que expressam as formas de poder como elementos centrais.

As garotas, de acordo com Lima Grande (2001), passam por determinadas provas pelos outros elementos do grupo ou pelas outras garotas, visando a confirmação se realmente possuem atitudes de “carecas”; se estão dispostas a assumir os comportamentos que reforçam a permanência delas no grupo. Os julgamentos das garotas têm como parâmetro e critério de referência as atitudes dos homens “carecas” no seu cotidiano, nos espaços de sociabilidade e confronto com outros grupos.

Apesar de algumas garotas “carecas” aderirem totalmente aos valores e simbologias grupais e rasparem as suas cabeças como forma de manifestar seu pertencimento aos agrupamentos de *skinheads*, muitas das garotas que andam com os “carecas do Brasil” e convivem com eles no cotidiano não se assemelham às representações presentes nos *fanzines*, de garotas com cabelos curtos ou raspados e vestimentas parecidas com a dos homens, como apreendemos nas fotografias presentes no Inquérito

<sup>7</sup>Fanzines Protesto Suburbano n.º 41, 43, 47; União Atitude Zine n.º 3; Consciência OI! n.º 11 e Costa (2000).

<sup>8</sup>Como fontes *fanzines* Protesto Suburbano n.º 41, 43, 47; União Atitude Zine n.º 3; Consciência OI! n.º 11.

<sup>9</sup>A *skinhead* “careca do ABC” E. A. P. B., 28 anos de idade, exerce a profissão de Segurança, e apresenta características corporais que a aproxima da identidade dos *skinheads*, Processo Crime 052.00.000.431 – 8, p.274.

<sup>10</sup>GRANDE, Silvio Vinícius de Lima. *Violência urbana e juventude em São Paulo: um estudo de caso sobre os skinheads*. Araraquara: Dissertação de Mestrado, 2001.

Policial<sup>11</sup>. Porém, alguns dos aspectos como a corporalidade e expressão facial agressivas podem ser apreendidos nas imagens, em que uma delas assumiu-se como Segurança e apresentava estilo corporal que se assemelhava muito as representações presentes nos *fanzines*, exprimindo o poder corporal do grupo.

O trágico acidente evidenciou a violência dos homens e as duas mulheres contra Edson Neris, ganhando ampla repercussão na imprensa falada e escrita, e mobilizando os integrantes e simpatizantes da Associação da Parada do Orgulho GLBT que organizaram protestos e passeatas como reações diante deste ato de violência contra a vítima que foi considerada como homossexual.

Diante da liberdade de alguns *skinheads* suspeitos pela morte de Neris da Silva, o jornalista da Folha de São Paulo Alencar Isidoro<sup>12</sup> escreve um texto que sintetiza a indignação dos parentes de vítimas da violência diante da impunidade da Justiça brasileira, reunindo-se na Praça da Sé para defender penas mais rígidas aos criminosos. Com fotos e cartazes em mãos, essas pessoas diziam esperar a sensibilidade do governo para adotar medidas como prisão perpétua e pena de morte, além da redução da maioridade penal. Benedita Júlio Rodrigues, 38, saiu de Ferraz de Vasconcelos (Grande SP) para exibir um cartaz sobre o seu irmão, Edson Neris da Silva, assassinado pelos “carecas do ABC” na Praça da República. Mostrou-se indignada com a liberdade de alguns acusados de terem cometido o crime.

A partir deste fato violento e de sua ampla repercussão, a membro da Associação GLBT, Regina Facchini, nos informou que essas formas de agressões contra *gays*, lésbicas, bissexuais e travestis fazem parte do cotidiano na região central da cidade de São Paulo, e é tema de várias pesquisas de gênero que tratam de violência letal contra homossexuais, como a pesquisa de Lacerda<sup>13</sup>.

No diálogo Facchini (jul. 2007) disse que, já em 1996, um grupo de *skinheads* havia espancado até a morte um artista plástico na Avenida Paulista; porém este foi um fato que não repercutiu tão amplamente na imprensa, e ficou mais restrito aos grupos de

homossexuais que freqüentavam circuitos em comum nos bares e ambientes paulistanos onde se encontram<sup>14</sup>.

As informações trocadas com Facchini (jul. 2007) sobre esse tipo de agressão cometidas pelos *skinheads* contra os homossexuais na região central de São Paulo foram reforçadas pela narrativa de D. P. N.<sup>15</sup>, vítima e testemunha do homicídio de Edson Neris, que diz freqüentar um bar de amigos homossexuais na Rua Vieira de Carvalho, e que:

[...] sabia-se e conversava-se, que, “Grupos de Carecas”, quando se cruzavam com “homossexuais”, “negros” e “nordestinos”, passavam a agredir, violentamente pessoas com essas características; Que, em virtude de freqüentar “bares de homossexuais” e saber do comportamento desses “grupos de carecas, que se vestem de roupas pretas e possuem a cabeça raspada”, eu tinha medo de me deparar com essas pessoas [...]. (Processo Crime 052.00.000.431-8, fl. 253).

As fontes nos permitem apreender a presença do medo entre os homossexuais que freqüentavam bares nas regiões circunvizinhas à Praça da República, e que já havia um debate incipiente sobre as ações violentas desses grupos de ódio constituídos por *skinheads*.

No entanto, Facchini (jul. 2007) ressalta que a morte de Edson Neris e a ampla difusão deste fato na mídia estimularam, na Associação GLBT de São Paulo e em grupos de gêneros afins, discussões a respeito dos crimes de ódio cometidos por grupos contra homossexuais.

Esse movimento interno dos grupos GLBT foi responsável por lapidar, com mais precisão, no interior das associações, o conceito de *homofobia*. Facchini (jul. 2007) salienta que a aversão aos homossexuais congregada no conceito de *homofobia* é algo culturalmente construído, e que permanece como idéia fixa na mente de grande parte dos segmentos sociais brasileiros. A *homofobia*, vista desta maneira, alimenta agressões tanto simbólicas, no campo das representações, como violências corporais que, muitas

<sup>11</sup>Ver Processo Crime 052.00.000.431-8, p. 274-275.

<sup>12</sup>Ver Parentes de vítimas pedem penas rígidas. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 jul. 2000, p. C3.

<sup>13</sup>LACERDA, Paula. *O Drama Encenado: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca*. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2006, 149f.

<sup>14</sup>De acordo com o depoimento de D. P. N. (Processo Crime 052.00.000.431-8, fl. 253), os homossexuais costumam se encontrar em bares localizados em ruas próximas à região central da cidade de São Paulo, como a Rua Vieira de Carvalho, Praça da República, Rua Santo Antônio, Rua Treze de Maio/Bairro Bela Vista.

<sup>15</sup>Processo Crime 052.00.000.431-8, fls. 252-256.

vezes, acabam sendo letais.

Por se tratar de grupos sociais que se opõem violentamente contra homossexuais e pessoas com gêneros distintos<sup>16</sup> o fato da morte de Edson Neris deu maior força às manifestações grupais dos homossexuais contra grupos discriminatórios de intolerância. Abriu-se, deste modo, um espaço para mostrarem publicamente, em manifestações, o direito humano de serem diferentes, e de contestarem valores machistas e conservadores em grande parte de segmentos sociais que, mesmo não se postando de forma violenta como os *skinheads*, sustentam culturalmente essas agressões por desprezarem o direito dos diferentes gêneros conviverem na sociedade, e desses grupos GLBT manifestarem suas singularidades de pertencimento no social através de expressões corporais que destoam dos padrões biológicos considerados clássicos.

Regina Facchini (jul. 2007) ressaltou ainda que o fato de se tratar de um grupo discriminatório que atacou e matou um homossexual permitiu a articulação e afirmação perante a sociedade e opinião pública das identidades e propostas desses gêneros, que compreendem os anseios tanto dos representantes como dos membros vinculados às instituições GLBT. No entanto, observou que, além desse crime de ódio deflagrado contra homossexuais, existem diversos outros crimes localizados e cometidos individualmente, praticados por “clientes”, e que ocasionam a morte de homossexuais, e que não são noticiados pela imprensa falada e escrita.

Crimes como esses que envolvem relações de gênero colaboram para questionar as categorias e dicotomias tradicionais de homem e mulher, e cada vez mais ganham espaço como objetos de estudos e pesquisas acadêmicas. Introduzem questões sobre a constituição do sujeito determinado *a priori* possibilitando refletir sobre a sua capacidades de agir, de assumir-se enquanto uma identidade, uma sexualidade e reforçando a presença de formas plurais de identidade, conforme nos apontou Butler (1998)<sup>17</sup>. Além disso, o machismo e a sensação de uma superioridade evidenciada por pessoas que têm relações sexuais com homossexuais nos parece ser

ainda uma tônica que vale a pena ser melhor estudada. Temos observado que o sentido da ação violenta dessas pessoas que cometem crimes individualizados de ódio contra este gênero, ainda se dá pelo fato de, corriqueiramente, o homossexual apresentar um poder aquisitivo mais elevado do que seu “cliente”. Esta situação cria certo desconforto que, atrelado aos valores individuais dos sujeitos que se posicionam com um ar de superioridade na relação, contribui para a ação criminosa contra os homossexuais.

Este clima de aversão com relação aos homossexuais, reunidos em torno do conceito de *homofobia*, e a discriminação dos gêneros diferentes que se diferenciam dos padrões biológicos tradicionais, masculino/feminino, pode ser apreendido em representações construídas, até mesmo, por pessoas próximas à Edson Neris, que, em depoimento, deram relatos negando as afirmações da grande imprensa quanto a homossexualidade da vítima dos *skinheads*, dizendo que Edson “[...] nunca teve nenhum desvio de conduta, tais como homossexualismo, como fora dito pela imprensa [...]”<sup>18</sup>.

Este relato demonstra um certo constrangimento de pessoas próximas em aceitarem declaradamente à orientação sexual de Edson, bem como representa uma concepção individual que, no sentido utilizado por Ginzburg (1987) em seu trabalho “O queijo e os vermes”, aponta as formas de pensar de expressivo contingente da população que, ao sustentar suas condições biológicas de gênero, não conseguem aceitar o diferente como passível de existir e ser reconhecido como pessoas com direitos sociais iguais garantidos por lei.

Facchini (jul. 2007) nos oferece subsídios para compreender ainda que as representações negativas que expressivos contingentes da população possuem a respeito de gêneros diferentes, e as práticas violentas manifestadas individualmente ou em grupo contra homossexuais, travestis e lésbicas, expressam as permanências de pensamentos discriminatórios, que enxergam os sexos masculinos e femininos como, na expressão de Linda Nicholson<sup>19</sup>, uma espécie de “porta-casacos” de identidades, nos quais os corpos

<sup>16</sup>Discussões no Grupo de Pesquisa/CNPq “Cultura e Gênero” liderado por Lídia Maria Vianna Possas.

<sup>17</sup>BUTLER, Judith. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós modernismo”. IN: *Cadernos Pagu*, n.11, 1998, p. 7-42.

<sup>18</sup>Declaração de J. G. R., Processo Crime 052.00.000.431-8, fl. 179.

<sup>19</sup>NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*, 2000.

são vistos como tipos de cabides de pé em que são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos às personalidades e comportamentos que as pessoas deveriam incorporar para serem identificadas como sendo do sexo masculino ou feminino, correspondendo, assim, com a sua determinação biológica.

O pensamento predominante na cultura da sociedade brasileira é responsável por lapidar uma construção social codificada em torno da distinção masculino/feminino, que incluem construções de representações sobre as características, personalidades e comportamentos determinados pelo sexo, e que separam os corpos femininos dos corpos masculinos. A construção desses dois gêneros binários cria saberes sociais como modelos de sexualidade apresentados como sendo estáticos, e expressam formas de corporalidades e expressividades que as pessoas deveriam assumir de acordo com sua genitália. Afirmam-se, deste modo, as maneiras de ser biologicamente inerentes aos sexos masculino/feminino como referências materiais da identidade e do caráter humano que a sociedade deveria se enquadrar.

Esta forma de pensar que ocupa o imaginário social de diversos segmentos sociais elege o biológico como a base, o fundamento gerador sobre a qual os significados culturais são construídos, e ainda concebem o fisiológico como um “dado” no qual as características específicas são “sobrepostas”, um “dado” que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais. Esta visão de que constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais, certos padrões de comportamento, e de que tais constantes sociais associadas à determinações sexuais não podem ser transformadas, cunham o determinismo biológico; determinismo este que reforça preconceitos nas relações sociais entre gêneros.

A tendência a pensar em identidade sexual como algo dado biologicamente, básico e comum entre as culturas é, na sociedade brasileira, ainda muito presente e uma idéia muito poderosa. Esse modo de pensar e distinguir o masculino/feminino cria os estereótipos culturais de personalidade e comportamento, e reforça formas culturalmente

variadas de se entender o corpo. Neste sentido, a noção bissexuada de corpo masculino/feminino predomina como idéia fixa na mente de grande contingente de pessoas, e constitui-se em termos altamente dúbios expressos através das corporalidades que exteriorizam, ou deveriam exteriorizar, uma forma binária de sexualidade.

A morte de Edson Neris pode ser considerado, em um estudo de caso, exemplar ao observarmos que o determinismo biológico que pressupõe toda uma influência direta nos comportamentos e linguagens corporais dos sexos masculino/feminino encontra-se como permanência cultural presente na subjetividade de diversos segmentos sociais e reforçam, mesmo que na esfera cultural, formas de agressividade e virilidade que são levadas às últimas conseqüências por grupos discriminatórios que compartilham desses mesmos valores, mas que, no entanto, os extravasam na forma de violência física, muitas vezes letal, a não aceitação grupal ou individual desses gêneros que destoam das determinações biológicas.

Os *skinheads* que compartilham formas extremadas de determinismo biológico, que levam as últimas conseqüências as suas condições de virilidade e agressividade, e que investem nos seus corpos como manifestações do poder individual e grupal, modelando-os através da ginástica, dos exercícios, do desenvolvimento muscular, da prática de artes marciais e da exaltação do belo corpo, expressam, como diz Foucault (1979) em “Microfísica do Poder”, “[...] a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos [...]”, (p.146).

A materialidade do poder presente na corporalidade dos *skinheads* quando associada as suas convicções e valores que concebem os homossexuais da seguinte maneira: “[...] quanto aos homossexuais preferíamos que fossem isolados para que nossos filhos não cresçam presenciando esta anomalia [...]”<sup>20</sup>, produz uma reação que se manifesta, em determinados momentos e territorialidades, de maneira agressiva contra pessoas que não se enquadram nos padrões biológicos, comportamentais e gestuais correspondentes aos sexos.

Se no caso do Estado Republicano o interesse é proteger o corpo da sociedade, de um modo quase médico, através de receitas terapêuticas e métodos de

<sup>20</sup>Carecas do Ceará In: *Protesto Suburbano*, 1999; n.º 43.

asepsia como exclusão dos delinquentes, a eliminação dos criminosos, a punição dos bárbaros e a exclusão dos “degenerados” por meio de medidas biopolíticas, no cotidiano este poder se transforma e cria suas próprias regras de convivência e esterilidade social. O efeito de investimento do corpo pelo poder produz corporalidades grupais cotidianas que constituem *micro-poderes* que atuam em territorialidades específicas, e que produzem suas próprias regras e métodos de asepsia, pois, ao considerar os homossexuais como anomalias e, portanto, pessoas “degeneradas”, esses se transformam, na visão dos *skinheads*, em pessoas passíveis de serem eliminadas.

Os conflitos sociais expressam, deste modo, as correlações de força presentes entre grupos diversos que se manifestam como *micro-poderes* no cotidiano da sociedade paulistana, e reafirmam suas formas de sociabilidade e pertencimento na concretude da realidade social através de suas corporalidades, gestualidades, comportamentos e padrões de caráter distintos, responsáveis por transformar o cotidiano paulistano em palco de conflitos entre gêneros. Esses conflitos, portanto, reabrem os debates sobre o determinismo biológico que distingue o masculino do feminino, e que está presente na cultura da sociedade brasileira, não abrindo espaço para as vozes e manifestações das outras expressões corporais e comportamentais; bem como suscita debates sobre os *micro-poderes* e seus métodos assépticos que produzem suas próprias regras e receitas terapêuticas de eliminação dos considerados “anormais” e “degenerados”, entrando em rivalidade com as leis estatais de proteção do corpo social.

O diálogo com Facchini (jul. 2007) nos permitiu captar quais as reações da Associação GLBT diante deste fato ocorrido na Praça da República em fevereiro de 2000, mas, também, nos instigou a pensar sobre as razões culturais que estão presentes na mentalidade de expressivo segmento social, e que alimentam as violências de gênero, quanto os papéis sexuais prescritos são violados.

Acreditamos que a abordagem e reflexão sobre essas questões permitem apontar para o debate mais detalhado das memórias, subjetividades, tradições culturais rearticuladas e, portanto, inventadas, pensamentos e desejos que esses sujeitos possuem, e

que liberam de forma agressiva contra pessoas de gêneros e corporalidades diferentes, em momentos e territorialidades nos quais as instituições punitivas do Estado não se encontram presentes.

As fontes utilizadas, como os jornais, o Inquérito Policial e as entrevistas, nos apresentam narrativas que constroem modelos de verdades, apontando sobre determinados comportamentos e experiências cotidianas dos *skinheads* “carecas do ABC” e “carecas do Brasil”. Foucault (2005) em “A verdade e as formas jurídicas” ressaltou que a própria verdade tem uma história, e que, em nossas sociedades, existem vários outros lugares onde a verdade se forma, onde vemos nascer certas formas de subjetividade e domínios do saber a partir dos quais podemos construir outras histórias, uma história externa e exterior da verdade, nas quais as identidades de gêneros de sujeitos há margem da história emergem como produtores de suas próprias histórias, em uma luta constante para ter voz e vez diante das configurações das verdades culturais existentes, buscando se manifestar como sujeitos com direitos de existir e de expressar suas identidades específicas que se distinguem dos padrões identitários vinculados aos determinismos biológicos e sustentados culturalmente de masculino/feminino.

Artigo recebido em: 03/07/2009

Artigo aprovado em: 25/08/2009